

**"CAMINHANDO AO CAMPO SANTO PELO SERTÃO EU VOU...": A
CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA DA SECA, SENADOR POMPEU- CE (1982-2010).**

Karoline Queiroz e Silva

Email: queiroz.karoline@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção da Caminhada da Seca a partir das disputas de narrativas em torno das memórias da seca de 1932. As narrativas são utilizadas para legitimar as posições de diversos sujeitos dentro da celebração, ora dando ênfase aos aspectos místicos e religiosos, ora ressaltando acontecimentos da cidade e posicionamentos políticos. Os relatos de sofrimento dos sobreviventes do Campo de Concentração e a presença das ruínas das instalações contribuíram para o desenvolvimento da crença nas santas almas, que leva milhares de pessoas ao Cemitério da Barragem e tornou-se a base da Caminhada iniciada em 1982 por padre Albino Donatti.

Palavras-chave: SECA, MEMÓRIA, ORALIDADE.

Abstract:

This paper aims to analyze the construction of Walk's Drought from disputes narratives around the dry memories of 1932. The narratives are used to legitimize the positions of various subjects within the celebration, now emphasizing the aspects mystical and religious, sometimes highlighting city events and political positions. The suffering of reports of concentration camp survivors and the presence of the ruins of the facilities contributed to the development of belief in holy souls, it takes thousands of people to the Cemetery's Dam and became the basis Walk started in 1982 by Father Albino Donatti.

Keywords: DROUGHT, MEMORY, ORALITY.

Em todo segundo domingo de novembro, Senador Pompeu celebra mais uma Caminhada da Seca. O percurso tem início às cinco horas da manhã na Igreja Nossa Senhora das Dores e se encerra no Cemitério da Barragem com uma missa campal. O cemitério, assim como a caminhada, foi construído em homenagem às vítimas do Campo de Concentração do Patu que funcionou no local durante a seca de 1932. Os mortos têm suas histórias contadas a partir da memória dos sobreviventes e, santificados, são chamados de almas da barragem. Há

inúmeros relatos de milagres e o número de ex-votos na capelinha dentro do cemitério mostra a ação das santas almas.

A primeira caminhada ocorreu em 1982 pela iniciativa do padre italiano Albino Donatti, que havia chegado na cidade em 1981. Segundo o senhor Zé Damas, a data foi escolhida pela proximidade ao Dia de Finados, dessa forma, os mortos da seca seriam lembrados com uma celebração eucarística. Porém, a crença é anterior à caminhada e foi justamente ao escutar os inúmeros relatos de milagres e as histórias sobre o campo de concentração que o padre deu início à romaria. Na observação da caminhada e na investigação de seus rituais, percebe-se que os sujeitos não participam movidos somente pela fé nas almas, mas também com motivações políticas.

Desse modo, para fins metodológicos, os sujeitos foram divididos em grupos a partir de sua atuação dentro da romaria. A tarefa de dividir os grupos para facilitar seu estudo não é fácil, pois essa opção não poderia ultrapassar as barreiras da escrita, visto que dentro da romaria, eles estão em constante negociação por espaço, por crenças. A caminhada se faz a partir da sua não-divisão, mas da interação, das trocas entre esses grupos. Uma visão superficial poderia dar ênfase na ação de alguns poucos sujeitos, pois suas vozes saltam aos ouvidos dos pesquisadores, discursos inflamados, ações reconhecidas por suas posições políticas.

A caminhada tem como base a crença nas almas da barragem que encontra nas memórias dos sobreviventes de 1932 sua legitimação. O elemento que une os grupos é justamente a sua relação com essas memórias. Todo o sofrimento vivido no Campo de Concentração do Patu, narrado por seus sobreviventes, cria um campo simbólico propício para o processo de santificação dos mortos. Os sobreviventes constroem uma narrativa da seca a partir de sua memória que é reutilizada no espaço da caminhada e, assim, novas narrativas são elaboradas. Neste sentido, a investigação parte da construção das narrativas sobre a seca tendo em vista, como nos alerta Burke que “lembrar o passado e escrever sobre ele já não parecem poder ser considerados atividades inocentes” (BURKE, 1992, PG. 236).

Durante a seca de 1932, sete Campos de Concentração foram construídos no Ceará. Segundo Kênia Rios (2001), o posicionamento dos chamados “currais do governo” não foi aleatória, visando a proximidade com linhas férreas, pois o trem eram o principal meio de escape da população de flagelados para Fortaleza. No relatório do interventor Carneiro de Mendonça, os locais seriam verdadeiros “campos de salvação” e a medida garantiu que o

número de vítimas fosse bem maior. Porém, os discursos oficiais não condizem o cenário narrado pelos sobreviventes, onde a ajuda médica era escassa e os alimentos eram ruins, resultando na propagação de doenças e muitas mortes. Segundo o senhor Eliseu Fernandes:

A comida era muito grosseira, feijão preto, farinha, massa, que provocava doença no povo. Tudo era à toa. Não existia higiene, a água do rio que a gente bebia era contaminada, por isso aconteceu a epidemia. Morreu muita gente, assim que precisou formar uma turma de homens encarregada só para enterrar os mortos. (GIOVANAZZI, 1998, PG. 12)

A Caminhada é o espaço onde o discurso contra o governo ganha mais força através da leitura dos depoimentos e das críticas à situação vivenciada no Campo. Na romaria, as memórias assumem um papel, elas são utilizadas para construir novas visões sobre a seca, a partir não somente de seu narrador, mas de todo aqueles que as escutam. Neste sentido, há uma preocupação em manter essas memórias latentes e a celebração também contribui para “(...) impor determinadas interpretações do passado, para moldar a recordação. ” (BURKE, 1992, PG. 241).

Cada grupo, cada sujeito, molda a recordação e se utiliza das memórias de acordo com sua experiência. Nas entrevistas, percebe-se que muitos fatos narrados por sobreviventes foram assimilados como conhecimento de seu novo transmissor, pois “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. ” (BENJAMIN, 1994, PG. 201). A forma como a experiência do Campo foi sentida e interpretada através dos depoimentos dos sobreviventes é fundamental para o processo de santificação das almas que será a base da futura caminhada.

As almas da barragem são um santo coletivo e sem nome que tem sua história de sofrimentos e privações contadas por aqueles que partilharam de sua experiência. Os sobreviventes seriam o elo com esse passado e seus relatos são fundamentais para o processo de desenvolvimento da crença. Para Candau:

Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. (CANDAU, 2011, PG. 68).

À época do Campo de Concentração, todos que ali estavam, encontravam-se na mesma situação, tendo largado suas terras e perdido seus bens devido à seca, à mercê da ajuda governamental. Porém, após os sofrimentos vivenciados no local, seu destino estabelece uma diferença, uma separação: vivos e mortos. Os sobreviventes possuem nomes próprios e é

colocado sobre eles o dever de recordar a experiência da seca de 32. Entretanto, os mortos não possuem nomes, mesmo aqueles que são familiares e parentes dos que sobreviveram não são lembrados dessa forma. Assim, após a sua morte, assumem uma nova identidade: alma da barragem. Muitos sobreviventes já faleceram e é importante salientar que estes não se tornaram almas milagrosas. Logo, a morte no Campo de Concentração é um elemento crucial para a santificação.

Nos documentários e vídeos produzidos sobre a Caminhada da Seca há muitos relatos de milagres das santas almas, desde conquistas de empregos até curas para doenças. Nas missas são feitos muitos agradecimentos e pedidos. Em vários estudos sobre religiosidade, os santos aparecem como exemplos de vida e são um elo entre o fiel e o mundo sagrado. Os santos, sejam eles oficiais ou não, atraem multidões, transformando os locais em lugares de vivência do sagrado. Em Senador Pompeu, o Cemitério da Barragem tornou-se o centro da peregrinação. Os mortos na seca não se encontram nesse cemitério, pois segundo relatos, valas comuns estão espalhadas por toda extensão onde funcionou o Campo, até mesmo onde foi construída a Barragem do Patu.

Como a origem da crença ainda é incerta, fato que reforça seu caráter místico, não se pode determinar quando o cemitério se tornou um local de peregrinação. Segundo relatos, o padre Lino Aderaldo abençoou o lugar após a desativação do Campo, ação que pode indicar o porquê de sua escolha. Porém, o que interessa a pesquisa não é definir um marco para o nascimento da crença, mas entender os elementos que foram fundamentais na sua construção e propagação ao longo de mais de 80 anos da seca de 1932.

A partir dos relatos de sobreviventes e de participantes da Caminhada, o sofrimento é o principal aspecto ligado à santidade. Segundo Solange Ramos “A relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvido pelo cristianismo.” (ANDRADE, 2008, PG. 241), neste sentido, a vida do santo se aproxima ao exemplo de Jesus Cristo, desde as privações até a forma de sua morte. No documentário “Caminhando ao Campo Santo”, os fiéis falam sobre a Caminhada e sua relação com as almas da barragem, segundo a senhora Francisca Alves as pessoas que se encontravam no Campo não possuíam pecados e podem ser chamadas “santas” pois morreram de fome e sede.

Na Caminhada, os depoimentos mostram as péssimas condições do Campo, observadas não somente pelos flagelados, mas por visitantes e trabalhadores. O grande número de vítimas resultou em enterros coletivos, onde as valas eram escavadas e esperavam até atingissem o número de mortos que comportavam. A comida ruim e a ausência de remédios e higiene devido ao grande número de pessoas, contribuiu para que a cólera se alastrasse, aumentando a quantidade de vítimas. No enterro, o fígado era retirado do morto era retirado. Esse processo ganha um caráter místico, fantástico, na narrativa que foi lida durante a Caminhada de 1996. O narrador fala que:

Existia, também, aqui no local, um homem encarregado de um processo funesto: munido de um gancho extraía o fígado das vítimas, que era colocado num recipiente e em seguida armazenado. Esse bizarro e funesto processo visava diminuir o estado de decomposição dos corpos, já que o fígado se decompõe em velocidade superior aos outros órgãos humanos, pois os corpos deveriam esperar durante todo o dia por novos corpos. (Autor: Pedro Raimundo).

Para a ciência, que buscava afirmar seus saberes sobre a morte desde o século XIX, o morto era um cadáver. Para seus familiares e parentes, era um corpo de um ente querido. Neste embate, a violação do corpo e a ausência de rituais na hora da morte, como mostra Philippe Ariés (2014), daria para a alma um destino incerto, já que sua passagem e permanência no Além não estavam garantidas. O luto não poderia ser vivido, pois as privações continuavam para quem permanecia. As valas comuns cumpriam o papel de retirar a identidade do morto. Ademais, devido a quantidade de mortos, o sacerdote não poderia realizar os rituais institucionais, como a extrema-unção. Se a morte trágica e a ausência de rituais davam à alma um destino incerto, como ela se tornaria santa, o elo com o sagrado?

Como já mencionado, a narrativa do sofrimento é a porta de entrada para o processo de santificação. O santo sendo aquele que estabelece o contato com o além, tem sua vida transformada em exemplo de valores morais e cristãos, onde “as vidas dos santos constituem um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã.” (ANDRADE, 2008, PG. 242). Através das memórias, o sofrimento, o flagelo, está presente em toda a vida das almas da barragem a partir da seca. No Campo, morreram após meses de fome, sede e doenças, perderam entes queridos e foram sepultados em valas comuns, sem direito a despedidas e reconhecimento. Essa é a narrativa construída através das memórias que ganha maior visibilidade através da Caminhada da Seca e da ação dos grupos.

Além do sofrimento, outro elemento merece atenção: a expiação dos pecados. Na Caminhada, são lidos depoimentos e também orações realizadas no Campo. A maioria das

orações traz um apelo à Deus e o pedido de perdão de seus pecados. O Campo funcionaria como um local de expiação, onde era necessário suportar todas as adversidades mantendo a fé para que a alma encontrasse salvação. A oração ABC do Divino, traz muitos desses elementos:

(...) Deus é justo e sua lei não erra.

Cuidamos em oração, vamos fazer penitência,

Para sofrer o castigo, humilde e com paciência,

E teremos o socorro da Divina Providência.

Temos por certo que morrer, passar por esta agonia, pedimos a Deus do Céu e a sempre

Virgem Maria, para que nos favoreça neste temeroso dia. (Programação da Caminhada da Seca de 1996).

Todos esses elementos podem ser observados dentro da romaria. Os grupos, com objetivos religiosos e políticos, se utilizam das memórias para embasar suas posições. A mesma narrativa de sofrimento é usada de diferentes maneiras. Na programação de 1996, percebe-se também que há duras críticas aos governantes e às elites. A ação dos Campos de Concentração é tão questionada que para o narrador tudo “parecia algo sinistramente programado...”. Pensando a Caminhada como o espaço onde os sujeitos se relacionam com as experiências de 1932 e também vivenciam suas próprias experiências, é fundamental entender como esse passado é apropriado e vivido por eles. Nesse estudo, o espaço da romaria não parece suficiente, já que muitos acontecimentos na cidade foram decisivos para a incorporação de novos elementos e para a própria concepção da celebração.

Em 1981 padre Albino Donatti é transferido de Iguatu para Senador Pompeu. O padre chegou ao Ceará após aceitar o convite feito pelo então Bispo de Iguatu, Dom Mauro. Em Cajazeiras, onde estava anteriormente, teve seu nome envolvido no episódio da bomba armada no Cineteatro Apollo 11, na década de 1970. O episódio foi um dos embates entre apoiadores e críticos no regime ditatorial e Albino, juntamente com um colega italiano, foi associado a grupos comunistas. O ataque tinha como alvo Dom Zacarias, visto por alguns como um conservador que apoiava o regime. Albino Donatti veio ao Brasil para atender o pedido de padre “Fidei Donum” (Dom da Fé), que deveriam agir nos locais que encontrassem as condições mais diversas, como a África e a América Latina.

Esse breve relato da vida do padre não teria sentido sem a menção de que ele era filiado à Teologia da Libertação e segundo aqueles que o conheceram “andava com os ensinamentos de Puebla debaixo do braço.”. Suas crenças religiosas e políticas dizem muito

sobre sua trajetória no Brasil, em especial, em Senador Pompeu. Sua chegada não muda somente o cenário religioso, mas movimentava a vida política e social da região. No livro, feito em sua homenagem, são inúmeros seus atos pela cidade, desde a fundação de pastorais, comunidades, até seu incentivo aos sindicatos e cooperativas de trabalhadores rurais. Segundo D. Francisca Magalhães “não existiria comunidade sem o padre, só a cidade e os poderosos”. Em 1982, um ano após sua chegada, dá início à romaria ao Cemitério da Barragem para lembrar os mortos na seca de 1932.

Em 1983, cria o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC), que serviria de ferramenta jurídica para a luta das comunidades impactadas pela construção da Barragem do Patu que estavam ameaçadas pelos órgãos governamentais. Nos depoimentos, a preocupação do padre com a educação popular, religiosa e política, se torna seu principal eixo de atuação. O CDDH e a Igreja são os responsáveis pela organização das Caminhadas. Uma de suas primeiras ações foi convocar pessoas para participarem da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Todos aqueles que faziam parte das comunidades também foram chamados a realizar cursos bíblicos e de formação pastoral. Nas entrevistas, o padre aparece como um defensor do Evangelho, que deveria ser estudado e vivido na vida dos cristãos.

São muitos os depoimentos daqueles que fizeram sua formação junto às pastorais a partir do convite do padre. Com a juventude, criou a Pastoral da Juventude do Meio Popular, onde membros como Marta Sousa, encontram-se hoje à frente do Centro de Defesa. Em 1985, funda o Grupo de Ação Libertadora, também voltado para as reuniões de jovens e adultos. Nas comunidades mais afastadas, realizava missas, comunhões, batizados e casamentos em locais improvisados. Ao final de todos os depoimentos, um aspecto chama atenção. Todos afirmam sua admiração e amor pelo sacerdote reconhecem que as ações não continuaram com o mesmo impulso após sua partida.

Portanto, o padre que dá início à Caminhada ao convocar os fiéis, reunia os principais elementos religiosos e políticos presentes na romaria. Seus embates com políticos locais eram constantes, ganhando visibilidade em programas de rádio e jornais. Porém, deve-se entender que após a saída do padre a paróquia assume novos posicionamentos e segundo depoimentos, muitas de suas obras foram esquecidas após sua partida. Desse modo, o grupo ligado à Igreja possui diferentes momentos ao longo de sua participação na romaria. Além disso, não se pode perder de vista que a Igreja, deveria ter o controle das crenças e atuações populares, que em Senador Pompeu encontravam-se em turbilhão.

É inegável que as orientações políticas de Albino Donatti são fundamentais no rumo que tomou a celebração, mas não se deve deixar de lado sua filiação institucional. Porém, percebe-se que mesmo sua atuação fazendo parte de uma rede de relações estabelecidas pela Igreja, seus discursos e posicionamentos poderia ultrapassar as barreiras impostas pela instituição. Mesmo em tempos de forte vigilância do regime ditatorial e o medo de rebeliões camponesas, o controle dos movimentos no campo era difícil, muito poderia escapar aos olhos públicos. Além do espaço das pastorais e comunidades, os trabalhadores, incentivados pelo padre, participaram da criação de hortas e cooperativas. A Caminhada da Seca, a partir de 1982, se constitui em mais um espaço onde homens e mulheres vivenciavam o Evangelho e refletiam sobre sua realidade.

Para entender o grupo popular dentro da celebração, é preciso entender a vida do homem no campo, um homem atormentado pelo fantasma da seca, que continuava enfrentando diversas dificuldades. Utiliza-se o termo popular para tratar do grupo que estava além do controle das instituições, que possuem práticas e saberes ligados ao mundo rural e que muitos anos, não foram vistos pela historiografia como sujeitos. Em Senador Pompeu, esses homens e mulheres tornam-se sujeitos ao ganharem o espaço público e impor o medo naqueles que buscavam seu controle.

Em reportagem publicada pelo Folha de S. Paulo em 1980, um saque realizado ao armazém da Cobal é mencionado, onde a multidão em busca de alimento e sem ajuda governamental foi a protagonista. Segundo Frederico de Castro Neves (2000), as ações são minimizadas pela imprensa, pois as pessoas que tomavam alimentos, faziam isso em nome da necessidade, da fome. Essa seria uma forma de “negociação” dos pobres que não poderia ser vista a partir das leis modernas. Há relatos de saques realizados até a década de 1990.

A coletividade assume um papel importante, promove a pressão, o medo nas autoridades, para Delumeau “uma coletividade adquire confiança só pelo fato de reunir-se” (DELUMEAU, 1989, PG. 191). A fome é o que motiva essas pessoas a recorrerem a ações extremas. As secas anteriores deixaram em suas memórias um passado de perdas e mortes. Para Delumeau, muitos desses movimentos não tinham uma programação, mas isso não significa que eram esvaziados de conteúdo político.

Em Senador Pompeu, o medo e o rumor tem um importante papel. O medo que estava ligado a fome, aos horrores vividos em 1932 no Campo de Concentração e que eram presentes na vida do sertanejo, nas suas memórias e na sua crença. O processo de santificação das almas

da barragem contribui para que a memória da fome seja latente. Lembrar e orar todos os dias por pessoas que morreram de fome e doenças abandonadas pelo governo numa concentração é uma grande provocação em novos tempos de seca, pois “o medo de faltar pão tinha atrás de si um passado tão longo!” (DELUMEAU, 1989, PG. 174). Esse foi o cenário encontrado por padre Albino Donatti ao chegar na cidade em 1981 o que leva a pensar se a Caminhada mobilizaria questões religiosas e políticas somente pela ação da Igreja.

Esse ponto é crucial para entender a ação dos grupos dentro da romaria e não pensar o espaço simplesmente como um meio de controle da instituição católica de uma crença popular. A Igreja, através de Albino Donatti, atua na Caminhada dando ênfase à crença, mas procurando pensar as questões políticas e sociais da cidade. Porém, o grupo popular não teria aderido ao movimento se as almas da barragem já não fizessem parte de seu cotidiano. Além disso, o engajamento político proposto pelo padre encontrou um campo favorável ao seu desenvolvimento. A multidão já se reunia para reivindicar seus direitos e pensava na história da seca de 1932 como um passado de sofrimento e abandono.

Dentro da Caminhada, o grupo popular, caracterizado pelos fiéis, é o mais numeroso. As relações que estes estabelecem com a crença vai muito além do institucional. Para Vauchez, o santo representa para o fiel “o sagrado enquanto acessível, independente de qualquer mediação clerical, (...)” (VAUCHEZ, 1989, PG. 225). Ademais, se forma com os santos um vínculo afetivo. Em Senador Pompeu esse elo se torna mais tangível, pois o santo coletivo além de ter a proximidade física, tem uma história de vida semelhante aos fiéis.

Muitas ações empreendidas pelos crentes não passam pela autorização da Igreja. O pagamento de promessas, os reparos no Cemitério da Barragem e até mesmo a impaciência pela espera da abertura dos portões ao final da missa, mostram que o grupo possui suas próprias motivações e atuam de acordo com seus interesses. Numa entrevista realizada com o padre Carlos Roberto em 2011, o sacerdote fala que se “a Igreja não for, o povo vai mesmo assim” e que alguns padres tentaram alterar alguns rituais da Caminhada e não foram bem vistos pelos participantes. A atuação da Igreja dentro da romaria passa por alterações ao longo dos anos, pois deve-se levar em conta as orientações de cada sacerdote.

Porém, a Caminhada da Seca se torna um espaço privilegiado, onde como aponta James Scott, o discurso oculto se manifesta. Religiosidade e política se misturam, se complementam, a prática não existe sem sua junção. As críticas através da narrativa lida durante a celebração ganha força, como observado nas entrevistas realizadas com seus

participantes. Muitos tomam as memórias dos sobreviventes e as questões políticas como parte de suas próprias narrativas. A partir disso é fundamental pensar também que esses espaços, como a Caminhada da Seca, as pastorais, as cooperativas, dentre tantos outros, são locais que “servem também para disciplinar e formular mecanismos de resistência.” (SCOTT, 2013, PG. 172). Neles, os conhecimentos são partilhados e entre conflitos e negociações surgem novos aprendizados, o discurso oculto está em constante elaboração.

Além do grupo institucional e dos populares, na Caminhada há diversos sujeitos empenhados em seu registro e divulgação. As ações desse grupo ultrapassam os limites desse espaço com a produção de diversos matérias que tem como base a história da seca de 1932 contada a partir das memórias. Suas diferenças para os outros grupos são explícitas, pois muitos declaram-se ateus e estão envolvidos pela atuação em movimentos sociais e políticos. Por isso, é fundamental pensar na relação desses sujeitos com os demais participantes da Caminhada e os usos que são dados às memórias, tendo em vista que a relação entre o sagrado e a política encontra-se de forma muito particular em seus posicionamentos.

A partir da década de 1990, a história dos campos de concentração no Ceará ganha maior atenção da mídia. Além disso, trabalhos sobre o tema, como as pesquisas de Frederico de Castro Neves e Kênia Rios, dão visibilidade no meio acadêmico. Segundo Fram Paulo, dono do Grupo Uzina, a atenção sobre Senador Pompeu veio a partir da iniciativa de um grupo, representado por ele e pelo advogado Valdecy Alves. Muitas reportagens foram realizadas por emissoras nacionais e jornais. No Ceará, o trabalho de Ariadne Araújo, publicado no jornal O Povo, em 1996, ganha um prêmio de melhor reportagem.

A história de dor e perdas prevalece nas mídias, através das memórias dos sobreviventes, com a pintura de um Nordeste seco e abandonado. O sertanejo que é obrigado a deixar sua terra em períodos de estiagem, tornando-se um retirante, é o símbolo da região. Porém, há outras falas que se utilizam das memórias para legitimar suas posições políticas. Para Valdecy Alves, a principal questão é dar visibilidade à história de 1932 para que o descaso não se repita, pois é preciso “aprender com o passado”. A história do campo de concentração se torna um aprendizado, um alerta, para que a população se posicione diante das atitudes dos governantes.

Para esse grupo, a Caminhada é um espaço de reflexão religiosa e política, onde a fé nas santas almas deve levar o fiel a pensar nos sofrimentos vividos no campo de concentração. Através da divulgação da celebração, por meio da fé, há a possibilidade de

vivenciar uma luta por direitos. Esses sujeitos possuem uma percepção de tempo que difere dos populares. O fato histórico, a seca de 1932, é o mais importante dentro da celebração. A percepção da história como mestra da vida atende às suas demandas políticas. O passado deve ser um ensinamento ao presente, para que uma história de horror não se repita no futuro. A relação entre passado, presente e futuro é linear. Para isso, a divulgação da Caminhada e das falas dos sobreviventes é fundamental, pois, nos depoimentos destes, estão presentes os ensinamentos para o futuro. O presente da Caminhada da Seca é esse passado de 1932 vivenciado, experimentado.

No estudo das ações desse grupo e sua relação com a crença, as principais fontes são reportagens, documentários e vídeos colocados em meio virtual, reportagens televisivas e impressos. Não interessa somente o acervo pessoal dos envolvidos na ação, mas o que estes disponibilizam ao público. Além de sua percepção no momento de registro, é importante perceber o que está sendo selecionado, o que está sendo mostrado. Aqui, as mídias adquirem uma função, um papel, que tem como objetivo explicitar os posicionamentos desses sujeitos dentro da Caminhada e a construção de sua narrativa sobre a seca.

Nas entrevistas, a admiração do grupo cultural pela atuação do padre Albino Donatti é muito forte. Muitos de seus membros são ligados ao Centro de Defesa e alguns participam de movimentos sociais, como Fram Paulo que é ligado à ASA (Articulação Semiárido Brasileiro). Porém, recentemente houveram grandes embates com membros da Igreja. Como visto, seus posicionamentos políticos são claros e entram em choque com algumas ações mais conservadoras. Além disso, o grupo tem atua pela preservação dos casarões que funcionaram como instalação para o Campo de Concentração em 1932. Os prédios foram construídos ainda na década de 1920 pelos ingleses que trabalhariam na construção da barragem, mas foram abandonados e utilizados durante a seca quando as obras foram retomadas.

Apesar de realizarem grandes campanhas pelo reconhecimento e tombamento e apresentarem vários processos legais, não contam com o apoio da maior parte da população. Para esse grupo, os casarões são “patrimônio do povo”, são as marcas do passado e devem ser preservados para que a história não se perca. Mas o que seria mais importante para os outros sujeitos? O grupo popular se empenha na manutenção do Cemitério da Barragem e muitas promessas são voltadas para isso. Mas o mesmo não se observa com relação aos casarões. Desse modo, entende-se que a crença nas almas da barragem é a principal motivação desses sujeitos. A crença se encontra mais ligada às memórias e à oralidade e não aos prédios. As

questões políticas levantadas pelas discussões patrimoniais parecem não fazer parte do cotidiano dos populares.

Dessa forma, na Caminhada temos a produção de novos discursos e saberes sobre a seca e a vida do sertanejo. As memórias de 1932 e a crença nas almas da barragem são o ponto de partida para essas elaborações. Como já dito, é o momento das trocas, saberes velhos e novos, trazidos por cada grupo ali presente. O espaço não é neutro e cada indivíduo se torna sujeito nessa composição. Os grupos se relacionam e se apropriam da crença para defender posições políticas e religiosas, de acordo com sua experiência. É desse modo que esse estudo se propõe a pensar a construção da celebração e as ações dos sujeitos dentro e fora deste espaço se tornam o ponto de partida.

FONTES

Entrevistas

- Padre Carlos Roberto, Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 12/11/2011).
- José Gonçalves do Nascimento (Zé Damas), Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 21/04/2012).
- Francisco Paulo Ferreira da Silva (Fram Paulo), Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 21/04/2012).
- Valdecy Alves, Senador Pompeu- CE (Realizada em 13/05/2015).

Outros

- Relatório apresentado ao Exmo Sr. Presidente da República pelo Interventor Roberto Carneiro de Mendonça, 22/09/31 a 05/09/34. Imprensa Oficial, 1936.
- A seca já preocupa Brasília. Figueiredo manda Andreazza ao Nordeste. Folha de S. Paulo, 08/03/1981.
- Programação da Caminhada da Seca. Autor: Pedro Raimundo, 1996.
- GIOVANAZZI, João Paulo. Migalhas do Sertão. Trento: Tipolitografia “LA RECLAME”, 1998.
- Documentário Caminhando ao Campo Santo. Direção: Karla Samara. 2012.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. Projeto História, São Paulo, n. 37, p. 237-260, dez. 2008.

ARIÉS, Philippe. O homem diante da morte. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa, Difel, 1992.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIOVANAZZI, João Paulo. Pe. Albino Donatti: UM PROFETA NO SERTÃO CENTRAL. Senador Pompeu: Gráfica Impresso, 2013.

NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PORTO, Márcio de Souza. Dom Delgado na igreja de seu tempo (1963-1969). 2007. 205 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza-CE, 2007.

RIOS, Kênia Sousa. Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, 2001.

SCOTT, James C. A Dominação e a Arte da Resistência: discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2013.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAUCHEZ, André. O Santo. LE GOFF, Jacques. O homem medieval. Editorial Presença, Lisboa, 1989.